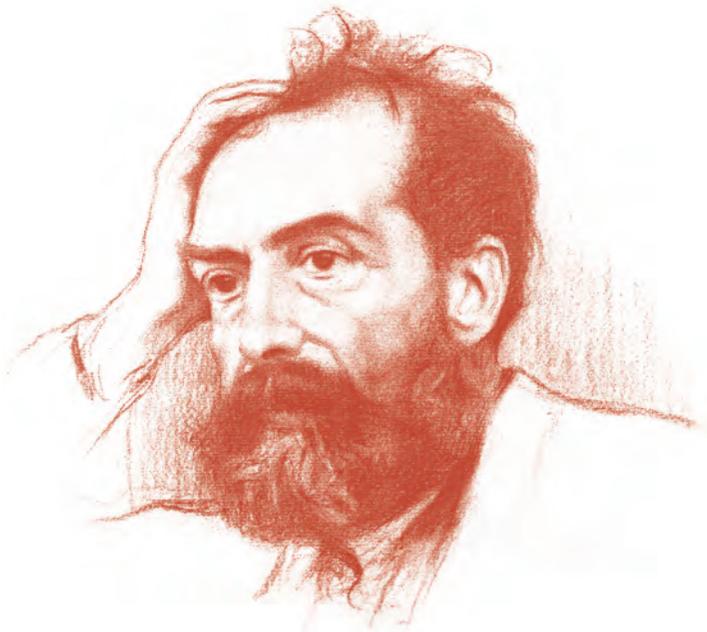


# JOÃO DE DEUS VIDA

JOSÉ ALBERTO  
QUARESMA



Imprensa Nacional

José Alberto Quaresma

# JOÃO DE DEUS

Vida



Imprensa Nacional

CAMPO DE FLORES

---

A vida é o dia de hoje,  
A vida é ai que mal soa,  
A vida é sombra que foge,  
A vida é nuvem que voa;  
A vida é sonho tão leve  
Que se desfaz como a neve  
E como o fumo se esvae:  
A vida dura um momento,  
Mais leve que o pensamento,  
A vida leva-a o vento,  
A vida é folha que cae!

A vida é flor na corrente,  
A vida é sôpro suave,  
A vida é estrella cadente,  
Vôa mais leve que a ave;  
Nuvem que o vento nos ares,  
Onda que o vento nos mares,  
Uma apoz outra lançou,  
A vida—penna cahida  
Da aza de ave ferida—  
De valle em valle impellida  
A vida o vento a levou!

*À memória dos meus amigos Tó Zé Robalo Cordeiro e Paulo Gaio Lima*

Deviam lembrar-se que a gente, às vezes, que se tira dos seus cuidados e faz uma biografia, e que ou bem ou mal feita e ou falsa ou verdadeira, a coisa corre e se vai ler muitas vezes sobre a campa do biografado.

*in «Carta ao cônego Antonio Caetano da Costa Inglez», João de Deus, 1898, p. 306.*

# ÍNDICE

<b>PARTE I – APOTEOSE</b>	<b>13</b>
UMA HOMENAGEM	15
O REI EM CASA	18
<b>PARTE II – SÃO BARTOLOMEU DE MESSINES</b>	<b>23</b>
AS FRALDAS DO PENEDO GRANDE	25
UM BOM PAI	27
O VIÚVO E A SOLTEIRA	30
O NOME DO SANTO	34
O FORMIDÁVEL CAUDILHO	37
OS MAIS INFELIZES DA TERRA	43
UM PRINCÍPIO DE SOSSEGO	48
O GRANDE DESEJO	53
<b>PARTE III – COIMBRA</b>	<b>59</b>
A MAIS FORMOSA FILHA DE PORTUGAL	60
A FESTA DAS LATAS	63
VINTE E CINCO MIL RÉIS EM METAL SONANTE	68
ESTUDANTES E FUTRICAS	69
CASTILHO E A LEITURA REPENTINA	72
NÃO PODE ALÍVIOS DAR QUEM VIVE TRISTE	74
CAPELOS DE DOUTOR	80
UM PACTO SECRETO	81
CONTARELOS E MEXERICOS	82

BONS RAPAZES, CHEIOS DE VIDA	86
ANARQUIA POÉTICA	90
O FIM DA GUERRA DE TROIA	93
O GENEROSÍSSIMO PRESTIGIADOR	98
A SÚCIA DE MONOS	101
PIRES DE MARMELADA	103
OS JORNAIS DE COIMBRA COMO PIRILAMPOS	105
ANTERO E UM LIVRO QUE É UM HOMEM	114
<b>PARTE IV – DESANDANDO PARA SUL</b>	<b>119</b>
O PRINCÍPIO CIVILIZADOR DA IMPRENSA	120
LIVRES SÓ DE LÍNGUA	130
O DESAPEGO DE DIREITOS E DEVERES	133
A LÍNGUA QUE LAMBE DISTÂNCIAS	136
OH MEU REI! EU SOU REPUBLICANO!	137
RICA DE FORMOSURA E DE FAZENDA	139
INTELIGÊNCIA ANALFABETA	143
O CLERO CONTRA O CLERO PELA SÁTIRA	147
<i>OS LUSÍADAS</i> E A «CONVERSAÇÃO PREAMBULAR»	154
«LUZ DA FÉ»	162
FEIO E FORTE É O QUE DURA	168
UM LETRADO OFICIOSO E CARITATIVO	172
<b>PARTE V – LISBOA EM TODO O TEMPO</b>	<b>179</b>
O VERDADEIRO DEPUTADO	180
DORMIREI COM CERTEZA	183
<i>FLORES DO CAMPO</i>	187
UNIÃO IBÉRICA	192
UMA VIAGEM À AMÉRICA	199
O QUE É POLÍTICA E O QUE SÃO EMPREGOS	204
Ó MEU DEVANEADOR!	207
TRAMAR A EMIGRAÇÃO	214
QUEBRAR O SONO AOS POBRES	217

<b>PARTE VI – <i>CARTILHA MATERNAL</i></b>	<b>223</b>
ONDE HÁ UM ANALFABETO, NÃO HÁ CIVILIZAÇÃO	224
<i>A CARTILHA MATERNAL</i>	225
A ESCOLA NÃO É TORTURA NEM BRINQUEDO	230
LIVRES DO SILABÁRIO	232
ENSINAR DE GRAÇA	234
A FLOR INTACTA	235
UMA PROVA NO TEATRO BAQUET	237
A LER COMO UM HOMEM	240
A FALA É A LÍNGUA DA FAMÍLIA	242
PRIMEIRAS LEITURAS	244
A LIRA DE JOÃO DE DEUS E <i>A HARPA</i> DE JOAQUIM DE ARAÚJO	247
FEBRE SEM DESPEDIMENTO	249
<b>PARTE VII – A GUERRA DOS MÉTODOS</b>	<b>255</b>
OS DOZE APÓSTOLOS	256
<i>A CARTILHA MATERNAL E O APOSTOLADO</i>	259
DEVASSOS E PEDANTES	263
A CARTILHA FAZ MAL À VISTA	265
ACORDO ETERNO ENTRE EL-REI E O POVO	268
UMA LUZ INTERIOR DESCONHECIDA	271
MEIA DÚZIA QUE SE DESEMBURREM	274
AS RATAS SÁBIAS DE LISBOA	277
A CONQUISTA DO BRASIL	278
METIDO COM UM LADRÃO	280
O PARTIDO SOCIALISTA	282
MAIS CORAÇÃO E MENOS DICIONÁRIO	284
UM LIVRO A TUDO DÁ PASTO	288
PERFEITAMENTE ANALFABETA	291
ESTA IMAGINAÇÃO É UM TORMENTO	294
O CEGUINHO DO REALEJO	296

<b>PARTE VIII – ASSOCIAÇÃO DE ESCOLAS MÓVEIS</b>	<b>301</b>
CASIMIRO FREIRE	302
<i>O TESOURO POÉTICO DA INFÂNCIA</i>	306
UMA MEDALHA	312
O COMPADRE FRANCÊS	316
O PRIMEIRO POETA DO AMOR DA EUROPA	320
UM CASAMENTO SIMULADO	325
RAFAEL E BRAMANTE À BEIRA DO RIO LIMA	328
DAR SEM ENVERGONHAR	332
AS LÍNGUAS NÃO SE IMPÕEM	334
ESCAPAR DA RATOEIRA	336
NÃO HÁ CONFLITO QUE SEMPRE DURE	339
CRIADAS DE SERVIR	342
UM RAIOS DE SOL	346
ALICE MODERNO	347
<i>A COMEDIA PORTUGUEZA</i>	350
<i>A MAIOR DOR HUMANA</i>	356
O BEIJINHO DAS FAMÍLIAS	361
DIZER MAL DA MONARQUIA	368
O LINDO ESTADO DE CHEFE DE FAMÍLIA	370
EM FAVOR DO EXAMINADO	372
UM DESERTO SEM CAMELOS	375
AQUI JAZ PÓ	377
<b>PARTE IX – CAMPO DE FLORES</b>	<b>383</b>
<i>CAMPO DE FLORES</i>	384
A TRISSECÇÃO DO ÂNGULO	391
18.000 RÉIS NA ALGIBEIRA DO PAPÁ	398
SAUDADES DA TERRA	401
GESTOS DE PELÚCIA BRANCA	408
O MESTRE-ESCOLA E O MESTRE-SAPATEIRO	414
O MÉTODO DE AFINAÇÃO JOÃO DE DEUS	416
VIANNA DA MOTTA	420
LER EM SILÊNCIO FAZ AS CRIANÇAS MUDAS	425

<b>PARTE X – TALVEZ DESCANSAR</b>	<b>431</b>
ALAGADOS ATÉ AOS OSSOS	433
NO TEATRO D. MARIA II	435
OS RAPAZES VÃO FAZER-NOS FALTA	439
AS COUSAS QUE SE INVENTAM	441
GRANDE CONCURSO DE POVO PELO PAÍS	446
UM SARAU EM PARIS	447
O HOMEM PÕE E DEUS DISPÕE	452
DUAS PORTAS	463
O IMPONENTÍSSIMO CORTEJO	469
<b>PARTE XI – ETERNIDADE</b>	<b>475</b>
COBRIR O VAZIO	476
AMARGURADA VIUVEZ	477
A VIDA CONTINUA	481
Três séculos	481
Por fim	489
POSFÁCIO	492
AGRADECIMENTOS	495
<b>ANEXOS</b>	<b>497</b>
CRONOLOGIA BREVE	499
SIGLAS E ABREVIATURAS	505
NOTAS	507
Parte I – Apoteose	507
Parte II – São Bartolomeu de Messines	508
Parte III – Coimbra	512
Parte IV – Desandando para Sul	519
Parte V – Lisboa em Todo o Tempo	524
Parte VI – <i>Cartilha Maternal</i>	530
Parte VII – A Guerra dos Métodos	535
Parte VIII – Associação de Escolas Móveis	542
Parte IX – <i>Campo de Flores</i>	556

Parte X – Talvez Descansar	562
Parte XI – Eternidade	569
<b>IMAGENS – NOTAS E CRÉDITOS</b>	<b>573</b>
Parte I – Apoteose	573
Parte II – São Bartolomeu de Messines	573
Parte III – Coimbra	573
Parte IV – Desandando para Sul	574
Parte V – Lisboa em Todo o Tempo	574
Parte VI – <i>Cartilha Maternal</i>	574
Parte VII – A Guerra dos Métodos	574
Parte VIII – Associação de Escolas Móveis	575
Parte IX – <i>Campo de Flores</i>	575
Parte X – Talvez Descansar	576
Parte XI – Eternidade	576
Posfácio	576
<b>FONTES E BIBLIOGRAFIA</b>	<b>577</b>
Arquivos históricos	577
Bibliografia ativa	578
Bibliografia passiva	581
Estudos gerais e específicos sobre contexto histórico, cultural e pedagógico	584
Jornais e revistas	602
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b>	<b>607</b>

**PARTE I**  
**APOTEOSE**

## UMA HOMENAGEM

7 de março de 1895  
Lisboa, Gare do Rossio

A locomotiva assoma na boca do túnel. Uma gigantesca salva de palmas estrondeia pela gare. A multidão agita-se no cais. São 17 horas e 55 minutos.

A enorme lira dourada ressaí da chaminé do comboio. **J D**, as iniciais de João de Deus, ladeadas por bandeiras portuguesas e troféus de verdura, enchem o olhar.<sup>1</sup> Atrelados à máquina e ao *furgon*, sacolejam-se oito ruidosas carruagens-salão de 2.<sup>a</sup> classe. Vistosamente engrinaldadas, cobertas de bandeiras, ramos de buxo e flores, vêm apinhadas de estudantes com o traje académico da Universidade de Coimbra.<sup>2</sup>

Capas e batinas amarinham por toda a parte. Trepam aos tejadilhos. Assomam às portas. Acenam efusivamente à multidão. Um berreiro «formidável» ecoa pela gare. A turba agita-se delirantemente. Laços multicolores dos cursos andam à deriva num mar espalhafatoso. A multidão que os espera ocupa os dois cais de embarque. Vivas e aplausos frenéticos na «moça e vibrante manifestação».<sup>3</sup>

Muito antes da chegada, já numerosos grupos de estudantes de Lisboa ocupavam os espaços livres. Atravessavam a estação em todas as direções. Subiam as escadarias. Populares impacientes e eufóricos comprimiam-se contra as grades de proteção. Os estudantes de Coimbra começam a desabelhar das carruagens.

Torna-se difícil sair da gare. Todos se apertam com «fúria». <sup>4</sup> Finalmente, conseguem soltar-se. Correm para a rua, a respirar o ar livre <sup>5</sup>. Descem «como uma torrente» pela rampa, do lado do Carmo para o Rossio. Forma-se uma enorme fila, entre ruidosas manifestações de alegria. Muitos curiosos juntam-se aos estudantes.

No exterior, já se organiza o cortejo. À cabeça, a comissão académica de Lisboa. A seguir, uns quatro mil estudantes, entre «coimbrões e alfacinhas». A tuna do coice agita o estandarte. E caminham todos «em massa para o teatro da Avenida».

Os «vivas às academias de Lisboa e Coimbra, à academia portuguesa e a João de Deus» não cessam. É «magnificante» o aspeto da multidão apinhada no Rossio, a revolver-se «febrilmente». <sup>6</sup>

A entrada para o teatro faz-se «tumultuosamente». A sala enche-se «num abrir e fechar de olhos». Muita gente não consegue entrar. Nos camarotes, veem-se algumas senhoras.

Teles de Vasconcelos, que dirige a comissão organizadora dos festejos, dá as boas-vindas aos colegas. É oferecida a presidência ao quintanista de Direito, João de Menezes, logo substituído pelo colega Marreiros Neto.

Uma gigantesca ovação irrompe quando o nome de João de Deus é pronunciado. Estudantes «em torrentes de entusiasmo» orgulham-se do ato de glorificação do homenageado que também saíra dos «bancos de Coimbra, motivo de intenso júbilo para os estudantes daquela cidade». É muito breve, mas notado, o discurso do novato de Medicina, com 20 anos, António Abreu de Egas Moniz <sup>7</sup>.

Terminada a sessão de boas-vindas, os estudantes de Coimbra dispersam-se por cafés e restaurantes. A fome aperta. As provisões dos estabelecimentos esgotam-se. Saltam de novo para as ruas. Invadem as casas de espetáculos com a sua «bela e ruidosa alegria». <sup>8</sup> O rapaz do pandeiro tem uma graça endiabrada na «desenvolta petulância» com que o toca. O jornalista que assiste à performance garante que «não é um tuno, é um tunante». <sup>9</sup>

Ao fim da tarde, académicos de Lisboa e de Coimbra encaminham-se para Santa Apolónia. Outro comboio de estudantes, vindo do Porto, irá chegar às dez e meia da noite.

\*

Em casa, João de Deus parece «atormentado por graves pensamentos». O seu estado de saúde tem vindo a piorar nos últimos meses. Batem à porta. Apresenta-se o senhor Silva Bastos. Vem da parte do ministro do Reino. Anuncia-lhe que receberá amanhã a visita de Sua Majestade, o senhor Rei D. Carlos. Virá agraciá-lo com a Grã-Cruz do mérito literário.<sup>10</sup>

Já muito povo se aglomera à porta da estação de Santa Apolónia. Garotos descalços esgatanham-se a vender archotes e paus de segurar os balões aos estudantes. O escarcéu é crescente, o berreiro «contínuo e o *charivari* infernal».<sup>11</sup>

À aproximação da hora da chegada, acendem-se os balões. O comboio irrompe. Faltam dez minutos para as onze horas da noite. Rebentam palmas e vivas «estrepitosos». As luzes multicolores dos balões agitam-se sem parar. O espetáculo é «verdadeiramente feérico».<sup>12</sup> Apeiam-se 111 estudantes, bem contados, nos seus trajes académicos. Pertencem ao Liceu, à Academia Politécnica e à Escola Médico-Cirúrgica do Porto, o maior número. Meia dúzia de escolares de Braga, empunham um estandarte azul e branco.

Formam-se alas à saída da estação. Populares acorrem. Com a comissão dos estudantes de Lisboa à frente, começa o desfile. Atrás, seguem 40 músicos, tocando cordas, flautas, castanholas, pandeiretas, bombos. O presidente da tuna, o quintanista de Medicina, Albuquerque, dirige os músicos da Estudantina União Académica. O chinfrim é melódico, quase sufocado pelo gigantesco alarido.

Os académicos, segurando bengalas, balões e archotes acesos, caminham ruidosamente, a compasso da marcha que a tuna vai executando. Residentes assomam às janelas, aplaudindo e agitando lenços. O cortejo encaminha-se pelo Terreiro do Trigo, Rua dos Bacalhoeiros, Rua dos Capelistas, Rua do Ouro. Desemboca no Largo Camões, frente ao café Martinho. Das ruas próximas, muita gente engrossa «a onda». Já são mais de cinco mil as pessoas em delírio.

Teles de Vasconcelos sobe a uma cadeira. Saúda os colegas do Porto. As palavras grelam afetuosas. Na resposta, o quintanista da Escola Médico-Cirúrgica do Porto, Alfredo de Magalhães<sup>13</sup>, agradece aos presentes. Rouca de berrar pela solidariedade académica e «vitoriar o grande poeta», a multidão

dispersa. A marcha durara mais de uma hora. O cansaço já enrugou os rostos. É preciso procurar hospedagem e retemperar forças. Amanhã será um dia longo. O dia em que João de Deus nasceu.

## O REI EM CASA

8 de março de 1895

Lisboa desperta sob nevoeiro cerrado. O temporal ameaça desabar sobre a cidade. Em casa, ultimam-se os preparativos. O ilustre visitante não tarda. João de Deus, Guilhermina e os filhos estão tensos. Mal o disfarçam.

O rei D. Carlos manda anunciar que está a chegar. Pouco passa das dez horas da manhã. A carruagem real surge na Calçada Nova da Estrela. Estaca. Os cavalos resfolgam. D. Carlos desce da viatura. Vem acompanhado pelo seu ajudante. Dirige-se à «singela casita». O cocheiro vê a silhueta do Rei a desaparecer na esquina. A cúpula da basílica fica a boiar na cinza espessa do dia.

A escada do prédio está enfeitada com muitos vasos de flores. A habitação, no primeiro andar é «pequena, simples, modesta, mas cheia de asseio e conforto». À direita da saleta de entrada, a sala de jantar; à esquerda, a sala de visitas. Muitos ramos de flores estão espalhados sobre os móveis, umbrais das portas, galerias dos reposteiros.<sup>14</sup> Jornais do dia saltam à vista. As primeiras páginas são integralmente dedicadas a João de Deus. Aqui e ali um bibelô, um objeto antigo, a revelar «o gosto do poeta pelo *bric-à-brac*». Sobre a mesa da saleta, amontoam-se as ofertas de aniversário. Numa bíblia antiga e num volume do *Campo de Flores*, «dedicatórias de humildes operários» escritas à mão, em letra de imprensa com «perfeição admirável que revela uma paciência beneditina».<sup>15</sup>

João de Deus dirige-se à porta para receber Sua Majestade. Está comovido. O Rei abraça-o. Aperta-lhe muito a mão. Tem grande «prazer em vir saudar neste dia o grande poeta português».<sup>16</sup> Com palavras afetuosas, declara associar-se à manifestação da mocidade em sua homenagem. Vem oferecer-lhe

«as insígnias da Grã-Cruz da Ordem de Sant'Iago, dispensando-o de qualquer ónus».

Manifesta o desejo de conhecer a família. João de Deus apresenta-lhe os dois filhos, José do Espírito Santo, de 19 anos, e João de Deus Ramos Júnior, de 16. Pede desculpa por não poder apresentar a esposa e as filhas, que não estão «ainda em *toilette* apropriada para receberem visita tão ilustre».<sup>17</sup>

João de Deus, cativado com «a espontaneidade e valimento da oferta, agradece a Sua Majestade reconhecidíssimo».<sup>18</sup> Não se «sentiu orgulhoso, nem enfatuado. Encafuou-se na sua modéstia».<sup>19</sup>



O rei D. Carlos

## UM PRINCÍPIO DE SOSSEGO

28 de julho de 1838

O Remexido, emboscado no sítio da Portela da Corte das Velhas, é detetado por espias. Comanda a força de 248 homens apeados, grande parte desertores liberais. Assim que avistam os homens do coronel Fontoura, em quatro colunas militares, abrem «o fogo mais desesperado possível». A resposta é dada com o «maior ardor». Três colunas estão prestes a cercar as forças do Remexido que, sob forte tiroteio, debandam em várias direções, antes do cerco se fechar. O Remexido cobre a retirada com intenso fogo. É perseguido pelas forças de Caçadores 5, sob o comando do capitão Manuel Maria Cabral. É avistado junto ao Monte Grou. À aproximação dos militares, engatilha a clavina. Consegue disparar três tiros. Falha o alvo. Faz-se de morto. Passam dez minutos. E o falso morto saca da pistola que traz no bolso. Cabral envolve-se com ele. Saca-lhe metade arma que, ignora-o, é de rosca. O Remexido já não a consegue usar. Dirá que a empunhara para se matar.

Fica, com alguns dos seus homens, sob prisão. Os restantes conseguem fugir. São-lhes apreendidos a clavina, a pistola e um bernal com a «secretaria». O recheio deste é precioso para as forças liberais. Ficam a conhecer as operações feitas e as pensadas pelo chefe.

O coronel Fontoura, apura 56 baixas na força do Remexido. E, entre os seus, um cabo de cavalaria, dois soldados e quatro cavalos feridos.<sup>68</sup>

O Remexido é conduzido para São Bartolomeu de Messines, a sede do comando das forças constitucionais. Algemado e montado num burro, desfila como troféu de guerra. Cerca de um milhar de homens armados seguem atrás. Todo o povo de Messines acorre a ver o cortejo de vitória. João, com

oito anos, deveria estar entre a assistência. A marcha prossegue a caminho de Faro, ao som de música, «para ser mais marcial a sua entrada nesta cidade».<sup>69</sup>

\*

A 1 de agosto de 1838, no edifício da Misericórdia, em Faro, uma «multi-dão de povo» e tropa desarmada assiste ao julgamento sumário de José Joaquim de Sousa Remexido. À uma hora e quinze minutos da tarde, o réu entra na sala em «passos vagarosos, mas firmes». Veste calça de pano escuro forrada de couro branco, jaleca azul com botões amarelos e colete de pano, e calça botins brancos. Confirma-se a estatura baixa e a magreza. O rosto comprido alonga-se na barba grisalha até ao peito. Denota «estar possuído de presença de espírito». Cumprimenta o conselho e o auditório. Enquanto são ouvidas as testemunhas, o réu toma continuamente tabaco. Olha para um lado e para o outro.<sup>70</sup> Chega a vez de ser inquirido. Identifica-se. Natural de Estômbar, 41 anos de idade. Não poderá celebrar os 20 anos de casamento com Maria Clara. Confirma que é «empregado em comandante de uma força nas Serras do Algarve e Alentejo».<sup>71</sup> Cumprimenta os membros do conselho e o povo. Eleva a voz. Mantém a eloquência do primeiro sermão na Igreja de São Bartolomeu.

«Senhores: sempre pensei que a principal obrigação de um homem é a obediência, e sempre pensei consistir a obediência em obedecer às autoridades constituídas por aquele governo que, de facto ou de direito, tivesse em seu poder o destino da Nação».<sup>72</sup> Na sua carreira profissional, limitou-se a cumprir ordens. Obedeceu ao governo saído da Revolução de 1820, obedeceu às autoridades sob D. João VI e D. Pedro IV e, quando D. Miguel subiu ao poder, em 1828, obedeceu às autoridades estabelecidas. Resume diferentes cargos que exerceu. Alferes das Ordenanças em 1828; capitão das ditas em 1831; comandante dos «Terços de Ordenanças do Termo de Silves de espingarda, no número de 345 armas»; até ter ascendido ao posto de brigadeiro e recebido a comenda da Ordem de Sant'Iago de Espada, já com D. Miguel.



O Remexido

## O GRANDE DESEJO

Há muito que Pedro José Ramos abandonara o ofício de ferrador. Já tinha sucesso como negociante. O estanco de tabaco dera-lhe bons rendimentos. O negócio da pólvora, ao que consta, também lhe aconchegava o mealheiro. A presidência da câmara e outros cargos na junta de paróquia tornam-no influente.

Em 1841, os pais de João de Deus assinam a permuta das cinco casas que possuem, na Rua da Estalagem, onde os filhos nasceram, por uma morada de casas, com armazém, adega, palheiros e quintais, mesmo ao lado da igreja matriz.<sup>77</sup>

A nova habitação é muito mais desafogada e cómoda do que as casas da Rua da Estalagem. Para uma família numerosa, e muito religiosa, fica mais perto de Deus. É só atravessar a rua, galgar sete degraus, atravessar o adro.



Morada de casas de Pedro José Ramos

Assomar, persignar-se, rezar um padre-nosso, pagar uma promessa, assistir à missa. Ou apenas cismar num desejo.

Entre os 10 e os 18 anos, João de Deus continua a não dar nas vistas. Na nova casa muito deve ter pasmado a ouvir as infinitas histórias que os fregueses do pai desfiavam, no armazém e na adega, sobre o transtorno e a beleza dos dias.

Muito se caturrava, no linguajar algarvio, por ali. Também contribuiu para lhe amaciar o verbo, a inteligência e o humor. O lento curso dos dias, durante e após a guerra, tão longa e tão próxima, fez-se de infinitos estados de alma, impossíveis de descortinar. Mas que nele parecem estar a incrustar-se de forma benigna. Vai sabendo arrancar as ervas daninhas que nascem a seus pés.

\*

João de Deus desenvolve os estudos elementares com o prior de São Bartolomeu de Messines, o «implacável Orbílio». O severo mestre de latim, ao que consta, ensina «à força de palmatoadas». A mãe tem muito pena. Não quer que os «filhos aprendam o latim depressa».<sup>78</sup>

É certo que, com 10 ou 11 anos, João de Deus não está a ser nenhum santo. Até é mais levado da breca do que o seu nome sugere. Confessá-lo-á muitos anos depois a Manuel Teixeira Gomes.

Então o prior de São Bartolomeu era homem de ânimos tigrinos, que andara na serra com os guerrilhas, e sempre que me encontrava dizia-me: — Você, sô maroto, namora-me a moça...; olhe que ainda um dia temos de ajustar contas...

A moça era a ama do padre, mulher já madura que gostava imenso de crianças e me fazia muita festa. Mas isto trazia-me em constante sobresalto. Uma tarde mandou-me ela dizer que fosse pela ribeira até à horta comer ameixas. Fui, medroso, mas fui. Assomei ao muro da horta e lá estava a ama, que logo começou a jogar-me ameixas. Tinha já apanhado e comido bastantes quando me vem à lembrança não aparecesse por ali o padre e me desse alguma surra. Buscando ponto à cena digo então para a moça, pondo a mão na cara:

— Não atire mais ameixas que eu sou o António Clemente...  
Ainda tenho vergonha desta asneira que disse há mais de 50 anos. A ama ficou furiosa. O António Clemente era o rapaz mais velho que andava na escola e tinha um olho de menos...<sup>79</sup>

\*

O seminário de São José, em Faro, continua fechado. O Palácio Episcopal de São Brás de Alportel, residência de verão do bispo, vai recebendo os seminaristas que, de todo o Algarve, para aqui convergem. Hospedam-se em casas da paróquia. Os que não habitam muito longe também vêm assistir a aulas ou fazer exames.

João de Deus prossegue os estudos com o padre Joaquim Veríssimo dos Reis e Almeida, pároco na Igreja de São Bartolomeu de Messines. Em São Brás de Alportel é o padre António Caetano da Costa Inglês que lhe ministra as aulas. O irmão João Gregório, apesar de dois anos mais velho, também lhe faz companhia. As instalações, embora acanhadas, não são piores do que as do seminário de São José. A distância entre Messines e São Brás não impede a frequência das aulas.

João de Deus é um aluno atento e curioso. E não menos mandrião. Falta muito às aulas. Contudo, nunca deixa de manifestar «o grande desejo que tem de seguir o estado eclesiástico». E o desejo parece bem encaminhado.

Sentenciadas as «inquirições de fraternidade» com João Gregório, pede para ser admitido à Prima Tonsura e Graus das Ordens Menores.<sup>80</sup> Tudo indica que, tal como o irmão, esteja muito perto de abraçar o promissor sacerdócio, como o seu pai deseja.

O deão da cathedral de Faro, Joaquim Manuel Rasquinho, manda averiguar se há algum impedimento canónico. O crivo para admissão à primeira tonsura é apertado. Necessário saber se João de Deus «é ou não filho de legítimo matrimónio». Se é ou não de «boa vida e costumes, temente a Deus e frequente nas igrejas». Se recebe os santos sacramentos e exercícios espirituais. Se é «de génio manso, pacífico, e dócil, afável, e isento de bulhas, pendências, e contendas rixosas». Ou, pelo contrário, se é «escandaloso, incontinente, repreensível e de inclinações, e costumes tais, que não dê ideia de verdadeira

vocação para o Estado Eclesiástico, e serviço da Santa Madre Igreja Católica Romana». Ou ainda, se é mesmo «simoniaco, usurário dado a negociações, e a divertimentos escandalosos, e proibidos; doudo, ou endemoninhado: se tem lúcidos intervalos; se padece de acidentes de gota coral, lepra, ou qualquer outra queixa, enfermidade, ou moléstia contagiosa, se tem alguma deformidade, aleijão, ou defeito corporal, que o faça irregular; se é costumado a tomar-se de vinho, ou lhe tem aversão, que lhe cause náusea, e o provoque a vômito».<sup>81</sup>

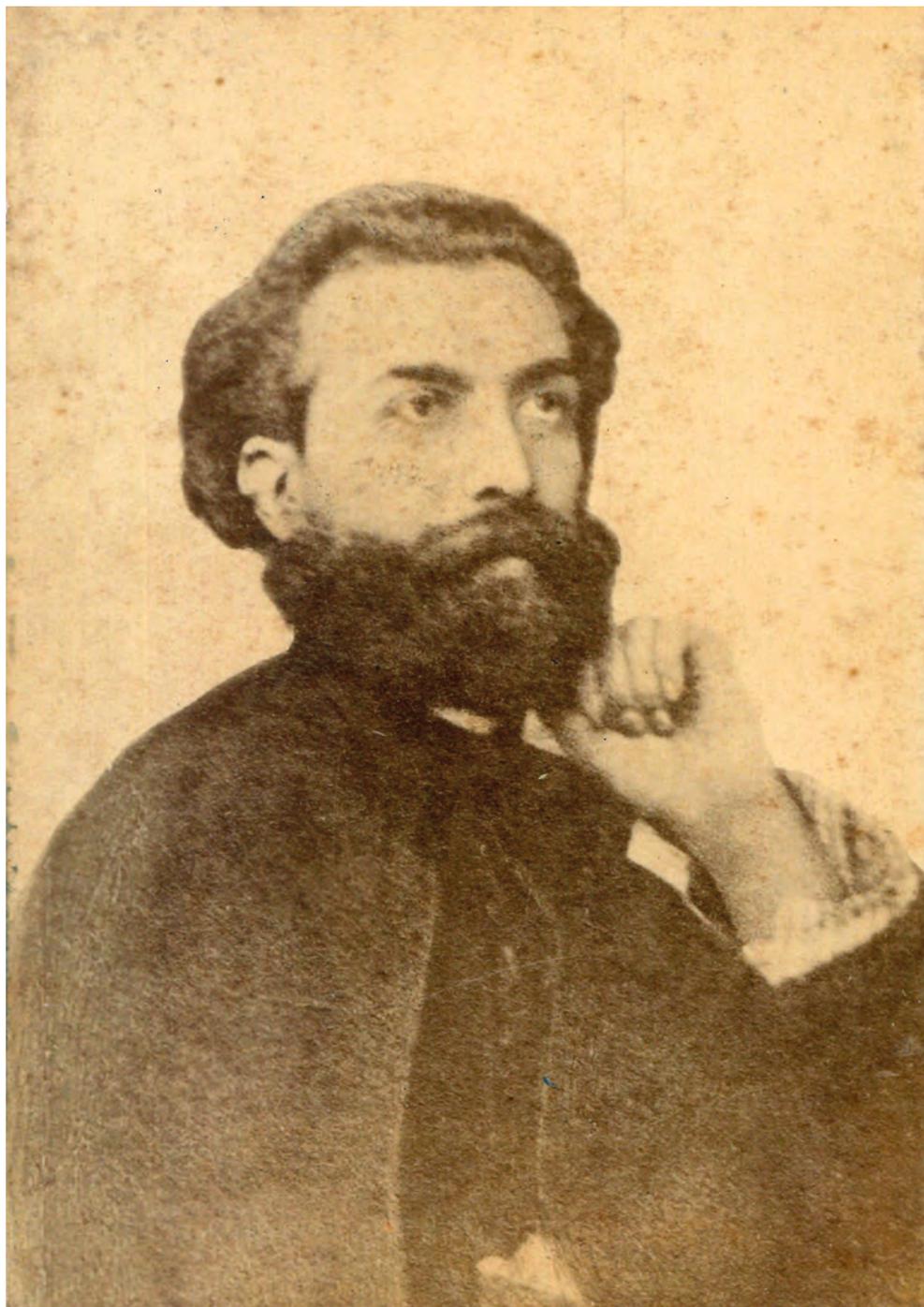
Nada disto se averiguou que fosse ou tivesse. É um rapaz sossegado. Vive em casa dos pais. Não consta que se desviasse dos bons costumes. Não foi nem é casado. Nem bígamo, nem demandado em crimes, dívidas ou execuções fiscais. E nunca, a tal respeito, respondeu em tribunal. Não tendo outro impedimento, tem de arranjar cinco testemunhas idóneas, e de sã consciência, para tudo confirmar. O seu mestre, o pároco Joaquim Veríssimo, uma semana depois, na estação da missa conventual, lê em voz alta o mandado de publicação de *vita et moribus*. Dá um prazo de 24 horas a quem saiba de algum impedimento para o comunicar, sob pena de excomunhão. Ninguém o faz. O pároco jura saber «de ciência própria» que João de Deus não tem nenhum dos defeitos canónicos. Pelo contrário. Frequenta os atos públicos religiosos, cumpre os preceitos anuais da confissão e comunhão, canta no coro, coopera nas festividades da igreja. Não lhe consta que seja menos exato a assistir ao santo sacrifício da missa nos dias de preceito ou outros.

As testemunhas, sob juramento dos Santos Evangelhos, também confirmam que o estudante João de Deus é de «génio dócil, manso e afável, e que não tem inclinação a costumes tais que indiquem que não tem vocação para o serviço da Santa Igreja Católica de Roma».<sup>82</sup> Sem impedimento algum, João de Deus pede para ser admitido a exame. É aprovado. A ordenação geral é conferida pelo bispo D. António Bernardo da Fonseca Moniz. Dá-se na Capela do Paço Episcopal de São Brás de Alportel, no sábado de têmeoras de São Mateus<sup>83</sup>. O bispo, há oito anos no cargo, tal como o padre Costa Inglês, é um liberal.



Paço Episcopal de São Brás de Alportel

Vinte e três de setembro é um dia bonito para guardar na memória a entrada vestibular no sacerdócio. O arcebispo Ortigão, de Lagos, atesta-lhe as Ordens Menores. A Prima Tonsura e os Quatro Graus de Menores são também atribuídos, no mesmo dia, ao irmão João Gregório.<sup>84</sup> A vocação parece segura. Bem ciente está do que será uma vida dedicada à Igreja. Sotaina, celibato, voto de castidade...



João de Deus de capa e batina

## O GENEROSÍSSIMO PRESTIGIADOR

Não passaram cinco meses sobre a conclusão do curso. Empresta agora o seu engenho e generosidade a um dos mais enternecedores acontecimentos que Coimbra viu.

Compars Hermann vai atuar, com o seu espetáculo de magia, no Teatro Académico. Acompanha-o Alexander, o irmão mais novo. São ambos filhos de Samuel Hermann, um médico alemão, pioneiro em espetáculos de magia. Até junto do sultão da Turquia chegou a exhibir a sua arte, ganhando fortuna cheia.

Compars Hermann atrai multidões com espetáculos bem-humorados. Em Portugal, oferece parte das receitas a instituições que atravessam dificuldades. Com «valiosíssimos socorros», tanto acode a uma companhia de artistas em situação crítica, como ao Asilo de Infância e de Mendicidade, à Sociedade Consoladora dos Aflitos. À Sociedade Philantropico-Academica, dá uma renda de 500 francos anuais.<sup>105</sup>

Sempre que se apresenta em palco leva o público ao delírio. Não é só o artista que é vitoriado, mas também o «cavalheiro generoso, a alma nobre e desinteressada, o homem filantropo que tão bem e com tanta largueza repartia com os pobres do que era seu, do que Deus lhe deu por intermédio de um grande talento».<sup>106</sup>

Embevecido com o virtuosismo de José Dória na guitarra, convida-o para integrar o seu espetáculo que corre pela Europa, mas a vida muito ocupada do médico dos pobres não lhe permitiu sair de Portugal.<sup>107</sup>

Na última das récitas, em que foram dados os benefícios, «os aplausos, as coroas, as flores, as pombas, os vivas, as poesias, os abraços, o acenar dos lenços, as frenéticas expansões de amizade e gratidão foram aos centos, aos milhares».<sup>108</sup>

Num dos espetáculos, João de Deus prestara-lhe comovente homenagem.  
Perante uma plateia rendida, recitou o poema que compôs para o gloriar, «Órfão».

Conchega a mãe ao peito o filho caro;  
Estende a pomba as asas no seu ninho  
Pelos filhinhos seus;  
Embala o arbusto agreste o fruto amaro,  
Guia a bússola o nauta em seu caminho,  
Como um dedo de Deus.

Bebe a nuvem rio mar, no rio a fera;  
Acha o tigre covil na antiga Hircânia,  
Hoje em dia Ghilã;  
Renasce a planta à luz da primavera,  
E no cálix da flor gota espontânea  
Cai à luz da manhã.

Onde há ramo no mundo em que não pouse  
Avezinha do céu? espinho, palma,  
Sem um docel azul?  
Um peito que n'um peito não repouse?  
Dous olhos entre os quais não gire uma alma,  
Como seu norte e sul?

Só eu no mundo um gosto em vão pretendo:  
Guebro entre os persas, entre os índios pária,  
Judeu entre cristãos.  
Só eu de balde ao céu as mãos estendo,  
Como o náufrago à praia solitária  
De balde estende as mãos!

Tenho no livro azul onde Ele escreve  
Esse nome, que nunca pronuncia  
Quem bem o soletrou...

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Academia Bejense, 446  
 Academia das Ciências de Lisboa, 445  
 Academia Dramática Promitente, 470  
 Academia Real das Ciências, 262, 470, 472  
 Afreixo, Graça, 261, 398  
 Albergue Noturno de Lisboa, 225  
 Alcantarilha (Algarve), 27, 37, 47, 166, 182  
 Algoz (Algarve), 166, 219, 297, 298, 343  
 Almeida, Fialho de, 284, 289, 352  
 Almeida, José Maria Eugénio de, 192  
 Almeida, Manuel Duarte de, 201, 204, 226, 229, 240, 380, 384  
 Alves, Manuel Pinheiro, 128  
 Amaral, João Ferreira do, 466  
 Anselmo de Andrade, 208  
 Ângelo, Carolina Beatriz, 424  
 Ângelo, Miguel (Compositor), 131, 212, 423  
 Ansúr, Alfredo, 291  
 Antunes, Tomás Quintino, 210, 414  
 Apostoli (Médico), 370  
 Aranha, Brito, 20, 470  
 Araújo, Joaquim de, 247, 248, 284, 285, 289, 294, 314, 318, 333, 347, 348, 360, 379, 412, 425, 476

Armação de Pera (Algarve), 166, 343  
 Arnaud (Poeta), 212  
 Arrábida, Serra da (Setúbal), 456  
 Arriaga, Manuel de, 208, 209, 358, 360, 466  
 Associação Filantrópica Académica do Porto, 479  
 Associação Filantrópica Académica Eborense, 479  
 Associação Protetora de Estudantes Pobres do Funchal, 479  
 Ateneu Comercial de Lisboa, 445  
 Ayalla, Frederico Diniz de, 361

### B

Baganha, Domingos Rodrigues Anes, 272  
 Bahia, Francisco, 423  
 Barata, José Pereira, 444  
 Barradas, Manuel, 444  
 Barreto, Mello, 466  
 Barreto, Xavier, 448  
 Barros, João de, 481, 482, 483  
 Bastos, Manuel Inácio de, 481, 482, 483  
 Bataglia, Maria Madalena Soares, 194, 206, 302, 459  
 Bensabat, Jacob, 427

**Bensabat, Levy**, 427, 428  
**Bernardes, Manuel**, 78  
**Björkman, Göran**, 477  
**Blanco, José António Garcia**, 180, 189  
**Boavida, José Vicente**, 399  
**Borges, França**, 466  
**Bramante, Donato**, 328, 365  
**Bramão, Carlos Augusto Pereira**, 423  
**Branco, António de Azevedo Castelo**, 20, 470  
**Branco, Camilo Castelo**, 39, 108, 110, 127, 156, 162, 173, 236, 328, 348, 358, 369, 414  
**Branco, José de Azevedo Castelo**, 304  
**Brandão, Alfredo Marçal**, 377  
**Brandão, Raul**, 187  
**Brasil**, 29, 30, 33, 167, 229, 278, 279, 316, 337, 354, 358, 359, 402, 423, 448, 451, 470, 485  
**Bruno, Sampaio**, 247, 290

## C

**Cadrana, Rafael María de Labra y**, 372  
**Café Riche**, 449, 450  
**Caldeira, Francisco**, 281, 464  
**Câmara, D. João da**, 20, 374, 472, 480, 487  
**Câmara, Vicente de Paula da**, 374  
**Camões, Luís Vaz de**, 17, 67, 110, 111, 114, 115, 128, 155, 156, 157, 160, 161, 175, 189, 227, 284, 285, 286, 287, 291, 320, 321, 389, 407, 412, 413, 424, 448  
**Cândido, António**, 470, 472  
**Cândido, António Zeferino**, 278  
**Canini, Marco Antonio**, 320  
**Canivari, Nicolau**, 470  
**Cannizzaro, Tommaso**, 320, 323  
**Capdeville, Louis Carloman**, 316, 329  
**Cardoso, Domingos Ciríaco**, 347, 405

**Carvalho, António José de**, 227, 335, 424  
**Carvalho, Maria Amália Vaz de**, 360  
**Carvalho, Maria da Luz de Deus Ramos Ponces de**, 488, 489  
**Carvalho, Xavier de**, 422, 448, 450  
**Casa Pia**, 128, 264, 333, 428, 433, 435, 471, 472  
**Casella (Cantor)**, 397, 398  
**Castel-Branco, João Bentes (Médico)**, 372  
**Castelões, Álvaro de**, 360, 375  
**Castilho, António Feliciano de**, 72, 155, 159, 172, 341  
**Castro, Eugénio de**, 267, 405, 408, 409, 412, 445, 448, 477  
**Castro, Joaquim Teixeira de (Visconde de Arcozelo)**, 250  
**Castro, José de (Médico)**, 465  
**Castro, José Luciano de**, 346  
**Castro, Manuel de Portugal**, 278  
**Chagas, Manuel Joaquim Pinheiro**, 172  
**Cirne, Francisco Amaral**, 256, 265, 267  
**Club Borda d'Água (Tavira)**, 446  
**Coelho, Adolfo**, 209, 224, 237, 250, 262, 426  
**Coelho, Eduardo**, 210, 212, 224, 414  
**Coelho, Latino**, 193  
**Coelho, Trindade**, 20, 387, 414, 416, 466, 471  
**Companhia Propagadora de Instrumentos Músicos**, 368  
**Concílio de Trento**, 28, 132  
**Conde de Monsaraz**, 20  
**Congresso Internacional de Estatística de Bruxelas**, 224  
**Congresso Pedagógico Hispanico-Português-Americano**, 372  
**Correia, Alves**, 465  
**Costa, Fernandes**, 184, 445

**Costa, Luís Frederico de Bívar Gomes da**, 468  
**Creche de São Vicente de Paulo (Porto)**, 337  
**Crespo, Gonçalves**, 191, 247, 360, 375  
**Cunha, Alfredo da**, 387, 414, 415, 416, 465

## D

**Dâmaso, Reis**, 262, 356, 359, 451  
**D. Amélia (Rainha)**, 217, 218, 327, 368, 435, 469, 476  
**Dante Alighieri**, 397  
**D. António Alves Martins (Bispo de Viseu)**, 203, 205  
**D. António Mendes Belo (Arcebispo-bispo do Algarve)**, 446  
**D. Bernardo António de Figueiredo (Bispo do Algarve)**, 33  
**Decrolly, Jean Ovide**, 482  
**Deslandes, Venâncio Augusto**, 228  
**Deus, São João de**, 34, 487  
**D. Fernando II**, 128  
**Dias, Epifânio**, 425  
**D. João VI**, 29, 30, 32, 49, 72  
**D. José III (Cardeal-Patriarca de Lisboa)**, 327, 328, 443, 469  
**D. Luís**, 143, 144, 195, 206, 225, 337, 341  
**D. Maria II**, 138, 374, 434, 439  
**D. Maria Pia de Saboia**, 143, 144  
**D. Miguel**, 33, 39, 40, 42, 43, 49  
**Dória, José**, 81, 87, 98  
**D. Pedro IV**, 32, 33, 39, 40, 49, 51, 167, 217, 326  
**D. Pedro V**, 81, 101, 137, 138, 408  
**Draper, M. D. A. G.**, 450  
**Dumas, Alexandre**, 450

## E

**Escola Médico-Cirúrgica do Porto**, 17, 265  
**Escola Normal de Lisboa**, 225, 261  
**Espada, Marçal José (Padre)**, 47  
**Estômbar (Algarve)**, 31, 37, 49

## F

**Falcão, José**, 392, 397, 398  
**Ferreira do Amaral, João**, 466  
**Ferreira, José Dias**, 188  
**Ferreira, Teófilo**, 259, 261, 305  
**Figueiredo, Cândido de**, 190, 191, 360  
**Filarmónica Recreio Musical Lacobrigense**, 446  
**Fonseca, Fortunato da**, 289  
**Fonseca, Guimarães**, 103, 111, 177  
**Fontanelas (Sintra)**, 375, 376  
**Formosinho, Sebastião (Capitão)**, 342, 370, 371, 372  
**Franco, João**, 439, 465, 469  
**Freire, Alfredo Júlio de Brito**, 258, 305  
**Freire, Casimiro**, 302, 303, 314, 346, 370, 373, 438, 455, 459, 464  
**Freitas, Joaquim Augusto de Andrade**, 451  
**Freitas, Rodrigues de**, 263, 266, 271  
**Froebel, Friedrich**, 305

## G

**Garrett, Almeida**, 422, 487  
**Gascon, José António**, 243  
**Gazul, Francisco de Freitas**, 423, 469  
**Gomes, José Libânio**, 167, 168, 172, 201, 273, 290

**Gomes, Manuel Teixeira**, 54, 71, 167, 201, 284, 289, 290, 427, 443, 484  
**Graça, José Joaquim da Silva**, 455  
**Guimarães, Elina**, 485  
**Gungunhana**, 465, 472

## H

**Heine, Heinrich**, 166  
**Henrique, Artur Campos (Conselheiro)**, 472  
**Herculano, Alexandre**, 67, 102, 114, 250, 289, 377  
**Horácio**, 149, 212, 227  
**Hospital de Crianças Maria Pia (Porto)**, 337  
**Hugo, Victor**, 155, 166, 212

## I

**Igreja de Santa Engrácia**, 487  
**Imprensa Nacional**, 120, 228, 229, 295, 329, 365, 385, 386, 387, 469, 495  
**Inglês, António Caetano da Costa**, 33, 55, 65, 83, 167  
**Institución Libre de Enseñanza**, 251  
**Instituto Dezanove de Setembro**, 444  
**Instituto Minerva**, 265, 267

## J

**Júnior, Domingos Leonardo Vieira**, 167  
**Junqueiro, Guerra**, 208, 271, 327, 347, 375, 386, 422, 444, 445, 467, 485, 487, 489

## K

**Keil, Alfredo**, 331, 341, 368, 434  
**Krause, Karl Christian Friedrich**, 251

## L

**Labra, Rafael**, 373, 451  
**Lacerda, Narciso de**, 221  
**La Fontaine**, 213  
**Lagrin, Álvaro**, 337  
**Lamartine, Alphonse Marie Louis de Prat de**, 166, 212  
**Laranjeira, Manuel**, 482  
**Lathelize (Florista)**, 470  
**Leal, Fernando**, 241, 293, 321, 339, 360, 374, 375, 377  
**Leal, Mendes**, 102, 173, 174  
**Leão, José Barbosa de**, 334  
**Lemare, Pierre-Alexandre**, 73  
**Lemos, José Manuel (Prelado da Universidade de Coimbra)**, 70  
**Leopardi, Giacomo**, 166  
**Lima, Felizardo**, 258  
**Lima, Pires de (Deputado)**, 263  
**Lima, Sebastião de Magalhães**, 291  
**Lobato, Gervásio**, 405  
**Loevy, Marya Cheliga**, 450  
**Loiseau, Arthur**, 450  
**Lopes, António Simões**, 258  
**Lopes, João Baptista da Silva**, 26, 33, 167

## M

**Macedo, Alberto**, 248  
**Macedo, Diogo de**, 292, 293  
**Macedo, José Agostinho de (Padre)**, 29, 120

**Machado, Julião**, 350  
**Machado, Júlio César**, 173, 207, 358, 464  
**Madureira, Cândido José Aires de (Abade de Arcozelo)**, 226, 232  
**Magalhães, Alfredo de**, 17, 434  
**Maia, Mariano Machado de Faria e**, 208  
**Maistre, Xavier de**, 358  
**Mallarmé, Stéphane**, 409, 448  
**Marcya (Atriz)**, 450  
**Marques, Joaquim Raimundo (Pároco)**, 36  
**Martins, Oliveira**, 209, 280, 281, 282, 290, 294, 295, 333, 379  
**Martins, Sousa (Médico)**, 463, 477  
**Mascarenhas, José Gregório de Figueiredo**, 182  
**Matos, Júlio de (Médico)**, 265  
**Maupassant, Guy de**, 450  
**Meireles, Germano**, 115, 117, 176, 202, 236, 247, 249  
**Mendizábal, Juan de Dios**, 40  
**Mendonça, Henrique Lopes de**, 331, 360  
**Menezes, João de**, 16, 434  
**Mesquita, Carlos de**, 450  
**Mesquita, Marcelino**, 350, 356  
**Méthodo Schüler**, 340  
**Meyerbeer, Giacomo**, 450  
**Miguel Ângelo (Compositor)**, 423  
**Mira, José Francisco**, 144  
**Moderno, Alice**, 347, 348, 349, 350, 360  
**Moniz, Egas (Médico)**, 16, 436  
**Monteiro, Emídio**, 464, 465  
**Monteiro, José Gomes**, 162, 236  
**Montessori**, 482  
**Moréas, Jean**, 448  
**Mosteiro de Refojos do Lima**, 140, 206, 366

**Mosteiro dos Jerónimos**, 470, 471  
**Motta, Costa (tio) (Escultor)**, 465, 485, 486  
**Motta, José Vianna da**, 420  
**Moura, Lobo de**, 191, 208  
**Mouzinho de Albuquerque**, 465  
**Mupassa (Região de Moçambique)**, 375  
**Museu Industrial e Comercial de Lisboa**, 472

## N

**Negrão, Joaquim de Almeida**, 167, 201  
**Neto, Diogo João Mascarenhas**, 182, 250  
**Neuparth, Júlio**, 423  
**Neval, Gérard de**, 236  
**Noble, Henrique**, 139  
**Nobre, António**, 448, 450  
**Nobre, Manuel Oliveira**, 29  
**Nogueira, António Rigaud**, 337  
**Norton, José Mendes Ribeiro**, 139

## O

**Olhão (Algarve)**, 29, 40, 95, 120, 205  
**Oliveira, Marques de**, 290  
**Ortigão, Ramalho**, 208, 358, 380, 429  
**Osório, Ana de Castro**, 485  
**Ossorio y Bernard, Manuel**, 451  
**Ouguela, Visconde de**, 20, 73, 192

## P

**Pacheco, Francisco (FranPaxeco)**, 429  
**P. A. Mouchet (Guarda-livros)**, 346

**Panteão Nacional**, 487, 488  
**Partido Republicano**, 240, 302, 392  
**Partido Socialista**, 282, 283  
**Passos, Soares de**, 120  
**Pato, Bulhão**, 102, 167, 210, 360, 363  
**Penha, João**, 75, 177, 190, 375  
**Pereira, António Maria**, 173  
**Pestalozzi**, 482  
**Pimentel, Alberto**, 92, 357, 452, 476  
**Pinheiro, António Augusto de Chaby**,  
 436, 466  
**Pinheiro, Manuel Bordalo**, 466  
**Pinheiro, Rafael Bordalo**, 20, 434, 435,  
 467  
**Pinto, Frei Heitor**, 336  
**Pinto, Silva**, 465  
**Pio V, Papa**, 132  
**Plácido, Ana Augusta**, 127  
**Ploesquellec, Gabriel Fortes de**  
**Bustamante**, 75  
**Polícia Académica**, 70  
**Portimão, Vila Nova de (Algarve)**, 40,  
 44, 167, 168, 172, 180, 183, 201, 270,  
 272, 290, 331, 339, 452, 471  
**Póvoa, José Joaquim Pessanha**, 279

## Q

**Queiroz, Eça de**, 88, 117, 208, 286, 287,  
 366, 448

## R

**Rademaker, Carlos João (Padre)**, 198  
**Rafael (Raffaello Sanzio, pintor)**, 320,  
 328, 330, 365  
**Ramos, José do Espírito Santo**  
**Bataglia**, 19, 226, 316, 317, 318, 319,  
 342, 361, 362, 398, 399, 459, 488

**Ramos Júnior, João de Deus**  
**Bataglia**, 19, 250, 425  
**Ramos, Maria da Luz**, 488, 489  
**Ramos, Pedro José**, 27, 30, 31, 37, 38,  
 44, 45, 46, 47, 53, 62, 68, 69, 135, 145,  
 205, 219, 454, 489  
**Raposo, José António Simões**, 373  
**Rasquinho, Joaquim Manuel**  
**(Cónego)**, 55, 69, 83  
**Real Associação Central de**  
**Agricultura**, 215  
**Real Clube Gymnastico Portuguez**,  
 278  
**Rego, Emília de Matos**, 140  
**Reis, Jaime Batalha**, 167, 207, 209, 210  
**Reis, José Maria (Padre de Vaqueiros)**,  
 148  
**Reis, Soares dos**, 290  
**Remexido, José Joaquim de Sousa**  
**Reis**, 31, 37  
**Ribeiro, Augusto**, 346  
**Ribeiro, Hintze**, 466, 468, 470  
**Richoso, José Joaquim**, 399  
**Rimbaud, Arthur**, 409  
**Rio de Janeiro (Brasil)**, 29, 278, 280  
**Rio, Julián Sanz del**, 251  
**Ríos, Francisco Giner de los**, 482  
**Rodrigues, Amália**, 487  
**Rodrigues, José Cândido Branco**, 340  
**Rudge, Daniel**, 377

## S

**Sampaio, Alberto**, 111, 115, 193  
**Sampaio, António Rodrigues**, 102, 258,  
 263, 305, 433, 455  
**Santos, José Maria dos**, 86, 215, 216  
**São Bartolomeu de Messines**  
**(Algarve)**, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32,  
 34, 35, 37, 38, 41, 42, 43, 45, 46, 47, 48,

52, 54, 55, 60, 62, 68, 69, 82, 120, 138,  
163, 166, 182, 184, 196, 204, 277, 404,  
480, 485, 488, 489, 495

**São Brás de Alportel (Algarve)**, 40, 55,  
56, 57, 62, 65, 68, 83, 148

**Saragga, Salomão**, 427

**Sarti, Alberto**, 423

**Schiller, Johann Christoph Friedrich  
von**, 166

**Schumann, Clara**, 423

**Schwalbach, Eduardo**, 434

**Serrano, Alfredo**, 428, 429, 434

**Shelley, Percy Bysshe**, 166

**Sibinaldo**, 193

**Silva, César da**, 435

**Silva, Júlio Pereira da**, 401, 464

**Silva, Óscar da**, 423

**Silves (Algarve)**, 28, 31, 36, 38, 39, 42,  
43, 44, 45, 46, 47, 49, 68, 134, 135, 143,  
144, 166, 168, 180, 182, 186, 189, 197,  
250, 269, 270, 274, 374, 404, 495

**Soares, João Lopes**, 484

**Soares, Rodrigo (Pintor)**, 485

**Sociedad Abolicionista Española**, 373

**Sociedade de Instrução e  
Beneficência A Voz do Operário**,  
445

**Sociedade João de Deus de Instrução  
e Recreio (Santarém)**, 447

**Sociedade Martins Sarmiento**, 447

**Sociedade Micaelense Protectora dos  
Animais**, 349

**Sociedade Recreativa 1.º de  
Dezembro (Alcácer do Sal)**, 446

**Sousa, José Joaquim de (Padre)**, 31, 32,  
37, 49

**Stojewska, Wanda**, 450

**Storck, Wilhelm**, 407

**Syder, Cármen**, 488

## T

**Tarrozo, Domingos**, 330

**Tasso, Torquato**, 410

**Tavares, Carlos (Médico)**, 455, 463,  
464, 465, 477, 478

**Teatro Baquet**, 238, 293, 347, 405

**Teatro Bijou**, 477

**Teatro do Ginásio**, 333

**Terenas, Feio (Médico)**, 272

**Terenas, João da Costa**, 260, 281

**Théâtre de l'Odéon**, 450

**Trebisonda (Turquia)**, 456

**Troupe Recreativa Ilhavense**, 447

**Troupe Recreativa Operária  
Bandolinistas (Cacilhas)**, 462

## U

**Urbano VIII, Papa**, 34

## V

**Valente, Santos**, 106, 115, 364, 403, 404,  
464, 465

**Valloton, Félix**, 448

**Vargas, Afonso**, 369

**Vasconcelos, Carolina Wilhelma  
Michaëlis de**, 235

**Vasconcelos, Estêvão de**, 425

**Vasconcelos, Flórido**, 163

**Veloso, Rodrigo**, 113

**Verlaine, Paul**, 448, 463

**Vidoeira, Pedro**, 455

**Vieira, António (Padre)**, 230, 244

**W**

**Wagner, Bernhard**, 423

**Wigger-Barsch, Wedwig**, 479

**Winter, Hélène**, 370

**X**

**Xavier, Manuel Gomes**, 167

**Xavier, Raúl**, 486

**Z**

**Zagalo, Bernardo António**, 42

**Zola, Émile**, 450

JOÃO DE DEUS – VIDA

© Imprensa Nacional-Casa da Moeda

© José Alberto Quaresma

Capa, *design* e paginação: António José Pedro

Revisão: Inês Rodrigues Ferreira

Impressão e acabamentos: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Este livro foi composto em caracteres Perpetua e Oswald  
e impresso em papel Coral Book Ivory 90 g

ISBN: 978-972-27-3139-3

Depósito legal: 518917/23

Código de edição: 1026218

1.ª edição: outubro de 2023

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA , S. A.

Av. de António José de Almeida

1000-042 Lisboa

[impresnacional.pt](http://impresnacional.pt)

[loja.incm.pt](http://loja.incm.pt)

[facebook.com/ImprensaNacional](https://facebook.com/ImprensaNacional)

[instagram.com/impresnacional.pt](https://instagram.com/impresnacional.pt)

[editorial.apoiocliente@incm.pt](mailto:editorial.apoiocliente@incm.pt)

«A caminho dos 200 anos, João de Deus continua vivo na alma da nação. Em passinho seguro e certo, merece calcorrear as veredas do silêncio para um futuro distante. Avantajar-lhe os anseios deve ser imperativo de progresso, centrado na pessoa, em benefício de toda a humanidade.

A ação de João de Deus prolonga-se por quatro gerações, cruzando três centúrias. É uma das maiores obras de civilização no Portugal dos pequeninos e dos grandes.

O seu legado segura-se. O ser humano que nos espevita a inteligência e amolece a alma, pela sua grandeza espiritual, continua a surpreender-nos.

O João de Deus que por estas páginas se deixa entreaberto, bem se quer que continue a medrar noutra qualquer aventura do conhecimento, da literatura ou das artes.

Urge destapar, avivar, recriar e expandir a sua herança. Tanto mais não seja para derramar um pouco de indulgência e sabedoria pelos dias turvos.

Os menos favorecidos pela fortuna deverão continuar a ser os destinatários da sua luz. Os outros, tal-qualmente.

João de Deus a todos pertence.»